

O COMMERCIO

ASSIGNATURAS—Anno, 12000 rs.; eis mezes, 600 rs.
 Plo correio—Anno 12500 rs.; Seis mezes, 750 rs.; Brazil:
 —Anno 12000 rs. (moeda fraca)

Redacção e administração — Largo de S. Roque, 4, 5 e 6

TYP. MINERVA—FAMALICÃO

6—Rua de Santo Antonio—6

Da Povoação de Varzim

PUBLICAÇÕES — Communicações, linha, 40 rs. Annu-
 cios, temporarios, 40 rs. a linha; permanentes até 1/16 de pag.,
 25000 rs.; além d'este espaço, contracto especial. Os assignantes
 gozam o desconto de 25 %. Publicações litterarias, gratis em re-
 cta d'um exemplar á redacção.

EDITOR E ADMINISTRADOR

ANTONIO DOS SANTOS GRAÇA

Rocha Peixoto

E' um nome tão conhecido e tão sympathico no ta-
 canho meio da sciencia portu-
 guesa, que só por si sobre-
 releva e doira a sua biogra-
 phia e a sua feição accentua-
 damente caracteristica de tra-
 balhador e typicamente de-
 monstrativa de intelligente
 e erudito.

Sahindo fóra d'essa espha-
 ra de realidades que por
 ahí se entrecrocavam n'uma
 luta ou ganancia de senti-
 mentos artisticos ou varie-
 dade de concepções, procu-
 rando Rocha Peixoto, á custa
 d'uma tenacidade extraordinaria
 e d'um estudo constante
 e incomparavel, tornar-se
 digno d'essa aureola que
 hoje circunda essa tão
 illustre personalidade.

Como todas as glorias
 têm invejas, e ainda mesino
 que o trabalho fatigante e
 insano seja envolvido nos
 trapos da malquerença, não
 falta quem, por má indole,
 queira empanar esse nome
 tão respeitado.

Mas quando esse traba-
 lho tem como coronal a glo-
 ria, os seus alicerces são so-
 lidos e não basta o espe-
 nhar da recriminação para
 fazer ruir esse edificio au-
 gusto e solemne como mar-
 co inconfundivel de tanta
 illustração e saber.

Vituperios e injurias não
 pôdem atingir o nosso dis-
 tincto conterraneo Rocha
 Peixoto, pois que toda a col-
 meira scientifica que esvoa-
 ça em Portugal é unanime
 em tecer os mais rasgados
 elogios ao archeologo emi-
 nente, ao versadissimo es-
 criptor e ao bibliothecario
 modelo, que tem enriqueci-
 do as estantes da Bibliotheca
 do Porto com livros da
 mais justa nomeada e os mu-
 seus dos mais ricos speci-
 mens regionaes.

Se vaidades tivesse Rocha
 Peixoto, patenteal-as-
 hia por toda essa effusão de
 sinceros louvores com que os
 eruditos premeiam a sua re-
 juvenescente obra de sabio,
 que vae profundando e es-
 batendo ás clareiras d'uma
 infatigabilidade sem limites
 e d'uma evolução progressi-
 va de estudo e methodica de
 escrupulo e zelo.

Encarnou-se a essa rei-
 vindicação, a r a i g o u s c á
 theoria de conhecimentos
 novos, insinuou-se á vida da
 sciencia, e eis o circumvallan-

do essa meta aurifulgente,
 onde luz o ensino, onde bri-
 lha a instrução, onde re-
 fulge a idiosyncrasy do Bel-
 lo.

A par, porém, com a in-
 tellectualidade que se force-
 jou por expandir em Rocha
 Peixoto toda a gamma arti-
 stica, resaltou brilhante o
 sentimento patriótico.

E se para quem se interna
 n'esses labyrinthos da sciencia
 o nome do nosso illustre
 conterraneo é venerado
 para nós, é dupla a intima
 alegria de o ver festejado,
 pois que, poucos, como elle,
 tanto têm sabido honrar a
 Povoia.

Emparcellado na vida mo-
 vimentadissima a que se de-
 votou de ser um innovador
 e associativo.

D'esse arcoabito de athle-
 ta resurgiu gloriosa e niten-
 te a sua alma de predestina-
 do para as luctas da Verda-
 de aonde sempre se identi-
 ficou com as praxas da sua
 educação primorosa.

Salientar a parte integran-
 te que tomou na defesa da
 naturalidade do vernaculo
 escriptor e romancista Eça
 de Queiroz, será o mesmo
 que fazer convergir para Rocha
 Peixoto essa ancia de
 patriota de querer para a
 sua terra o que de direito
 lhe pertencia e que de razão
 e logica lhe cabia.

Como se houve d'essa po-
 lemica, não é aqui logar bas-
 tante sufficiente para o pro-
 clamarmos. A homenagem
 que lhe foi prestada teste-
 munha o equivalente para
 se ajuzar do que foi essa
 importantissima defesa.

Agora, querendo vincu-
 lar ainda mais o seu nome
 a uma obra de levantado
 patriotismo para a Povoia,
 trabalha afinadamente, co-
 mo só elle sabe trabalhar,
 afim de se crear um museu
 regional na Povoia.

Patrocinado por Rocha
 Peixoto, o museu será um
 facto.

Analysado por estes pris-
 mas o nosso estimadissimo
 amigo e conterraneo, não é
 estranhavel que os homens
 de maior envergadura intel-
 lectual como Sampaio Bu-
 no, Thophilo Braga e tan-

tos outros se tenham abor-
 dado da insinuante persona-
 lidade que hoje nos occupa
 honrosamente o editorial do
 nosso modesto semanario.
 Fazendo justiça ás quali-

dades excepçionaes de ob-
 servador, escriptor e patrio-
 ta, «O Commercio da Povoia
 de Varzim.» honra-se com
 esta homenagem tão s ince-
 ra como verdadeira.



ROCHA PEIXOTO

CHRONICA

Tem occupado, bastante-
 mente, nos ultimos tempos a
 opinião publica a famigerada
 questão do fóro academico.

Prolixo será relembrar que
 tão grande agitação se pre-
 nde ainda com o protesto dos
 estudantes da Universidade
 de Coimbra, quando foi repro-
 vado o licencado Engenio
 Ferreira.

Achoi echo no paiz, mór-
 mente na mocidade das es-
 colas, esse movimento revolucio-
 nario que muitos dizem
 ser um acto de justiça.

Fundamente essa opinião
 e apoiam essa causa os que
 vêm no academico universi-
 tario um escravo sujeito ás
 formulas convencionaes e au-
 tocratas d'um systema in-
 quisitorial.

Os defensores d'essa bal-
 burdia coimbrã adduzem bas-
 tantes argumentos que mais
 ou menos provam e identifi-
 cam a justiça que assiste a
 esses rapazes.

Mas a nós não importa sa-
 ber tal, pois que não curamos
 d'essas razões n'esta secção.
 O que sabemos é que d'um
 extremo ao outro do paiz re-
 percutiu unisono e vibrante
 esse movimento academico e
 calou bem fundo no coração
 dos juvenis rapazes dos es-
 tabelecimentos de instrução.

Como a mocidade tem sempre
 illusões a doirar todos os
 principios e a cobrir de es-
 merilhos todos os effectos,
 mais uma vez se encorporou
 n'essa acção voluntariosa e de
 capricho.

Resolveram-se fazer greve
 para depois das festas escolares
 da Paschoa, quando reabrisse
 a universidade.

Dito e feito.
 Tudo se combinou, e ape-
 nas com algumas variantes,
 todos os cursos de instrução

superior, n'esses dias d'aula,
 ficaram quasi desertos, a não
 ser a frequencia dos estudan-
 tes militares a quem um regim-
 en rigoroso foi imposto, caso
 faltassem á chamada das
 disciplinas.

A questão é que a parede
 se tem sustentado.

Mas, na Povoia, ha um ly-
 ceu com uma frequencia de
 9 alumnos, no seus 3 annos
 e parece que esses estudantes
 deviam adherir ao movimen-
 to dos seus compaunheiros es-
 colares.

E porque não?
 Não pertenciam porventu-
 ra ellas á mesma distincta
 classe?

Deveriam ou não comba-
 ter, como os seus collegas, os
 abusos e inclemencias do fó-
 ro academico?

Assim o pensaram e resol-
 ram.
 Quando se precipita assim
 uma resolução e com tanto
 enthusiasmo e tanto ardor ju-
 venil é porque ha uma von-
 tade inabalavel que impelle e
 uma razão que guia.

Porque haviam de deixar
 de fazer greve?
 Com o assentimento da ra-
 paziada do nosso lyceu a es-
 sa demonstrativa forma de
 protesto declaravam que ain-
 da muitos novos já sabiam
 ser solidarios.

Bastou uma luz; surgiu co-
 mo por encanto uma foguetira.
 Que chamma e calor não
 deviam irromper d'essa pyra-
 rantissima que se ategu no
 meio dos nossas academicos?

Estavam firmes como ro-
 chas no seu proposito e d'alli
 não havia um passo a recuar.
 Cobardes não podia haver
 n'essa phalange de bravos,
 que tão intemerata e incondi-
 cionalmente se ia collocar
 ao lado dos seus irmãos re-
 voltados.

Chega-se o dia das aulas e

ainda se conservam firmes na
 sua resolução.

Isto nas duas primeira dis-
 ciplinas, do 3.º anno, por-
 quanto o 1.º e 2.º anno não
 desejavam metter-se em fol-
 lias.

O peor de tudo é que os
 animos esmoreceram, as de-
 serções da greve augmenta-
 ram, e á quarta aula entra-
 ram de roldão pela porta de-
 dentro e lá se foram abancar,
 cabisbaixos, mas attentos á
 preleção do professor.

Que dedicados compaunheiros
 têm os outros estudantes
 nos seus collegas do lyceu da
 Povoia!

Para um movimento ou
 protesto pôde-se afoitamente
 contar com elles que elles es-
 tão promptos a reivindicar a
 justiça pelo seu solemne pro-
 testo.

Honra á academia da Povoia!

Au revoir.

Suicidio

Na ultima sexta-feira, pelas 5
 horas da tarde, na freguezia de
 Terruso, lugar de Flaes, d'este
 concelho, suicidou-se por enve-
 namento, o jornalista Manoel
 Valerio de 65 annos de idade.

O caso deu-se na occasião em
 que a mulher e filha do infeliz
 se achavam ausentes de casa,
 arranjando o tresloucado nma ti-
 gela com arsenico, que ingeriu.
 Quando aquellas recolheram
 a casa o suicida, contendo-lhes
 o que tinha feito, previou-as
 de que lavassem a tigella para,
 no caso de se servirem d'ella
 não morressem, como decerto
 lhe succederia d'alli a pouco.

Passados momentos, e como
 justificando as suas proprias pa-
 lavras, o desventurado fallecia
 no meio de horribes soffrimen-
 tos.

O regedor da freguezia parti-
 cipou o caso á autoridade
 administrativa, que, por seu
 turno, o enviou ao poder judi-
 cial, afim de proceder ao levanta-
 mento do auto e respectiva
 outopsia.

Esta foi hontem feita no cem-
 terio d'aquella freguezia pelos
 distinctos medicos, srs. Caetano
 d'Oliveira e Bellarmino Pereira,
 que fizeram recolher as vicerias
 n'uns frascos para serem exami-
 nadas no laboratorio do Porto.

LINHA ELECTRICA

Para assumpto de tão ma-
 gna importancia, como este,
 onde é posta á prova a vici-
 tudade de uma terra e o va-
 lor dos seus filhos, precisa-
 mos de documentar o que têm
 dito e o que ainda ha-
 vemos de dizer, salvo o caso,
 para esta ultima hypothese,
 de as coisas entrarem no seu
 verdadeiro caminho. Não jul-
 guem os presados leitores que
 estamos a querer fazer esty-
 lo para... escriptor, ou que-
 ramos ter a stultia pretensão
 de sobre este assumpto ga-

nhar foros de celebridade; na-
 da d'isso. Nós pretendemos
 só demonstrar os erros da
 companhia do caminho de
 ferro, apontar-lhe o caminho a
 seguir, saunar a sua admini-
 stração e fazer conhecer as
 vantagens de um melhora-
 mento como é o da *tração
 electrica*; se a companhia ou
 a sua administração teima
 em fazer ouvidos de mercador
 ás constantes reclamações,
 poderemos ter assumpto para
 muito tempo, se n'isso tiver
 prazer a companhia; mas, se
 não gostar, se reconhecer que
 as nossas queixas são as de
 toda a gente seusa e que
 por infelicidade tem de cir-
 cular, no seu caminho de fe-
 rro, então cá estaremos tam-
 bém para a louvar e fazer
 progredir. Principiamos, por
 tanto, pelos erros da admini-
 stração, os quaes de per si bastar-
 iam para se escrever *uma
 causa celebre*. Note-se, porém,
 que dos erros da administra-
 ção, falamos só dos externos,
 pois são estes os que mais
 prejudicam os accionistas, os
 que mais concorrem para que
 a companhia dê sempre um
 dividendo irrisorio e a ir-
 regularidade dos horarios, pelo
 tempo desnecessario na mar-
 cha dos comboios.

Este erro, junto a um outro
 que apontaremos quando
 obtemhamos os dois relatio-
 rios da companhia e que é de
 capital importancia, são a mo-
 la essencial do estacionamento
 da mesma. Apontemos factos
 para que com elles se
 escreva a historia. O comboio
 que safu da Povoia no
 domingo, 31 do passado, ás
 8 e 10 minutos da noite, che-
 gou ao Porto ás 10 e 10 mi-
 nutos! Duas horas e nove mi-
 nutos de trajeto!

E' demais, é... grotesco.
 Ouvimos aos passageiros, que
 como se tiveram á infelicida-
 dade de vir n'esse comboio,
 taes affirmações de desa-
 grado, entre ellas as de enun-
 cia mais tornarem á Povoia,
 etc., etc., que, francamente,
 não podemos por forma al-
 guna deixar de verberar tal
 procedimento. Pois como é
 que uma companhia pôde
 prosperar fazendo um serviço
 de tal ordem?

Como é que uma terra como
 é a Povoia de Varzim, a mais
 linda perola do Oceano, a praia
 mais confortavel, a de mais
 puros ares e de mais lindas
 vistas, pôde ser conhecida,
 pôde ser recomendada, ten-
 do, como tem, uma compa-
 nhia de caminho de ferro que
 afasta os forasteiros, que afasta
 todos aquellos que a procura-
 ram?

Convençam-se todos os por-
 vocasos d'esta affirmacão: o
 elemento que mais mesquin-
 ha essa ridente villa é a
 companhia do caminho de
 ferro. Substituam-na, illi-
 niem a, organisem outro me-
 do de viação e verão como essa
 terra progredirá a olhos vis-
 tos. Não ha niuguem que via-
 ge n'essa linha que affirme o
 contrario.

Um amigo da Povoia.